

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

MARCIA CRISTINA VALLE TARQUINIO

**FIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS FRANÇA-BRASIL EM
O NOBRE SEQUESTRADOR DE ANTÔNIO TORRES**

Florianópolis
2016.

MARCIA CRISTINA VALLE TARQUINIO

**FIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS FRANÇA-BRASIL EM
O NOBRE SEQUESTRADOR DE ANTÔNIO TORRES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado para a obtenção do grau de
Bacharel em Língua e Literatura Francesas
na Universidade Federal de Santa Catarina
sob a orientação da Prof^a. Dra. Luciana
Rassier.

Florianópolis

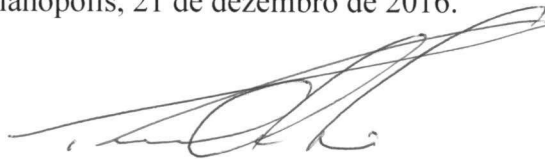
2016.

Marcia Cristina Valle Tarquinio

**FIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS FRANÇA-BRASIL EM
*O NOBRE SEQUESTRADOR DE ANTÔNIO TORRES***

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Letras, e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 21 de dezembro de 2016.



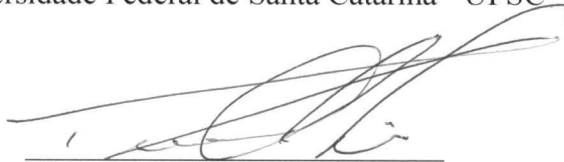
Prof. Dr. Ronaldo Lima
Coordenador do Curso

Banca examinadora:



Profª. Dra. Luciana Rassier
Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC



Prof. Dr. Ronaldo Lima
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC



Profª. Maria Victoria Urquiza
Universidade Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina
Doutoranda no
Programa de Pós Graduação em Literatura - UFSC

AGRADECIMENTOS

Esse Trabalho de Conclusão de Curso representa em minha vida a síntese de um capítulo de uma longa jornada de estudos, fundamentada nos valores éticos e morais proporcionados por meus pais, estimulada pelo apoio incondicional da minha família, saboreada com a parceria dos meus colegas de turma e inspirada por minha orientadora e incentivadora, Prof^a. Dra. Luciana Rassier, cuja dedicação e profundo conhecimento literário contribuíram para a realização deste projeto.

Agradeço especialmente a minha orientadora pela organização e metodologia de pesquisa, além de seus relevantes contatos profissionais que nos permitiram ter acesso à tradução francesa de *O nobre sequestrador* imediatamente após seu lançamento na França, em maio/2016.

Agradeço respeitosamente aos professores do Curso de Francês que tanto me ensinaram neste percurso acadêmico.

A todos, expresso o meu mais profundo agradecimento. A interação com cada um tornou esse trabalho maior.

“Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente.”

Tzvetan Todorov

RESUMO

No presente Trabalho de Conclusão de Curso proponho uma análise do romance *O nobre sequestrador* (2003), de Antônio Torres, cujo protagonista é René Duguay-Trouin, corsário francês que sitia a cidade do Rio de Janeiro no século XVIII. Nessa narrativa ficcional, o personagem é apresentado como herói da história da França, mas também como mercenário, do ponto de vista da história do Brasil. Na primeira parte, interesse-me pelas grandes linhas da obra de Antônio Torres, de modo geral, e do romance *O nobre sequestrador*, de modo específico, bem como pelo contexto histórico dos corsários. Na segunda parte, analiso elementos paratextuais (Genette, 2009; Yuste Frías, 2015) do romance de Torres e de sua tradução francesa *Le Corsaire de Rio* (2016), feita por Dominique Stoenesco. A seguir, analiso figurações identitárias de certos grupos (franceses, portugueses indígenas) e a representação identitária do protagonista em sua dupla perspectiva de herói e vilão.

Palavras-chave: Identidade. Paratexto. Tradução Literária. França.

RÉSUMÉ

Dans ce travail je propose une lecture de *O nobre sequestrador* (2003) de l'écrivain brésilien Antônio Torres, dont le protagoniste, le corsaire français René Duguay-Trouin, a assiégé la ville de Rio de Janeiro au XVIII^{ème} siècle. Dans ce roman, le protagoniste est présenté comme étant un héros de l'histoire de France mais aussi un flibustier, du point de vue de l'histoire du Brésil. Dans une première partie, je me penche sur les grandes lignes de l'œuvre d'Antônio Torres et plus particulièrement sur celles du roman *O nobre sequestrador*, ainsi que sur le contexte historique des corsaires. Dans une deuxième partie, j'analyse d'abord certains éléments paratextuels (Genette, 2009; Yuste Frías, 2015) du roman de Torres et de sa traduction en langue française *Le Corsaire de Rio* (2016), faite par Dominique Stoenesco. Ensuite, j'analyse les figurations identitaires de certains groupes (Français, Portugais, Amérindiens) avant d'analyser la représentation identitaires du protagoniste, dans sa double perspective héros-corsaire.

Mots-clés : Identité. Paratexte. Traduction littéraire. France.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	IÇANDO AS VELAS	11
2.1	Grandes linhas do percurso de Antônio Torres	11
2.2	Itinerário de Torres do Brasil à França	12
2.3	Mergulhando no contexto histórico	15
2.4	Hasteando a bandeira: grandes linhas de <i>O nobre sequestrador</i>	17
3	DESFRALDANDO AS VELAS	20
3.1	Desvendando as brumas do paratexto	20
3.2	Abrindo as escotilhas	26
4	DUGUAY-TROUIN: HERÓI OU VILÃO?	29
4.1	Ventos favoráveis	29
4.2	Ventos contrários	29
4.3	Destino Final	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Chegado o momento decisivo de escolher um tema para o Trabalho de Conclusão de Curso, a escolha recaiu sobre a área de literatura em função das reflexões desenvolvidas no âmbito das disciplinas Literatura Francesa 3 e Literatura Francesa 4, ministradas pela Prof^ª. Dra. Luciana Rassier, as quais cursei respectivamente em 2016/1 e 2016/2. As reflexões sobre teoria literária, sobre paratexto, sobre as especificidades do texto literário e de seu processo de leitura, ou ainda sobre o papel da literatura na formação do leitor e do indivíduo me instigaram particularmente.

Segundo Nathalie Piegay-Gros, a leitura de um texto literário, em relação à de um texto informativo, pode representar “uma experiência mais intensa, mais rica, no curso da qual o próprio leitor se encontra transformado – e não apenas informado”.¹ Por outro lado, o leitor pode modificar o sentido do texto a partir de suas experiências precedentes, como explica essa autora: “a partir do instante no qual o autor deixa de ser o provedor de sentido de seu texto e de sua obra, cabe ao leitor de estabelecê-lo”.² (PIEGAY-GROS, 2002, p.14-15, tradução nossa). Na mesma linha de pensamento, Claude Chambard afirma que: “ler expande a nossa humanidade, pois lendo nos tornamos plenamente nós mesmos”.³ (CHAMBARD, 2015, p.16, tradução nossa). Dessa forma, a experiência da leitura pode nos conduzir a viajar em direção ao desconhecido, numa verdadeira aventura de descoberta de nossa própria identidade.

No que tange à escolha da abordagem, interessei-me pelas questões de ordem identitária, perspectiva desenvolvida pela Prof^ª. Dra. Luciana Rassier em suas atividades de pesquisa e compartilhada com seus alunos durante as aulas de literatura francesa. No que diz respeito ao corpus, tendo em vista minha experiência de intercâmbio acadêmico em 2015/2 na Universidade de La Rochelle, na França, onde a orientadora deste trabalho lecionou durante vários anos, ela sugeriu a análise da obra *O nobre sequestrador* (2003), de Antônio Torres, que trata das relações França-Brasil e da representação identitária de franceses e brasileiros a partir de fatos históricos.

¹ Texto original : “[...] une expérience plus intense, plus riche, au cours de laquelle le lecteur lui-même se trouve modifié – et non seulement informé.”

² Texto original : “Dès l’instant ou l’auteur n’est plus le garant du sens de son texte et de son oeuvre, c’est au lecteur qu’il revient de l’établir ”

³ Texto original: “Lire étend le domaine de notre humanité. En lisant, nous devenons pleinement nous-mêmes.”

O romance coloca em primeiro plano o personagem histórico do corsário francês René Duguay-Trouin, que partiu da cidade de La Rochelle com destino ao litoral brasileiro no século XVIII. Após uma leitura aprofundada dessa obra, interessei-me, em uma primeira etapa, pelas grandes linhas da biografia e da obra literária de Antônio Torres, a fim de identificar temáticas e características de estilo marcantes.

Em um segundo momento, analisei artigos acadêmicos em língua portuguesa e em língua francesa sobre *O nobre sequestrador*, dentre os quais *Corsário de ontem, bandidos de hoje* (NETO, 2004), *Les fils hybrides du tissage de l'histoire dans 'O nobre sequestrador' de Antônio Torres* (GODET, 2007) e *Réécriture et cannibalisation de l'histoire par la littérature dans l'oeuvre du romancier Brésilien Antônio Torres* (RASSIER, 2009). Essa etapa de pesquisa bibliográfica demonstrou ser muito útil para o meu aprendizado na análise da escrita acadêmica, proporcionando a compreensão da estrutura de um artigo.

Uma vez em mãos a tradução francesa de *O nobre sequestrador*, feita por Dominique Stoenesco, lançada em maio de 2016, li-a atentamente em busca de elementos para formular hipóteses de trabalho. No entanto, analisando comparativamente o livro *O nobre sequestrador* e sua tradução francesa, percebi que o tradutor manteve a ironia e a informalidade da narrativa. Não identifiquei mudanças significativas que suscitassem hipóteses de pesquisa no âmbito deste Trabalho de Conclusão de Curso.

No entanto, suscitou meu interesse o paratexto relativo a essa tradução. Esse conceito, desenvolvido pelo crítico literário francês Gérard Genette, engloba os elementos que compõem um livro como uma ‘moldura’ ao texto literário. Esse conceito representa um elemento essencial ao pacto de leitura, pois propõe ao leitor uma indicação sobre a identidade do texto. Que elementos paratextuais são propostos ao leitor pela edição brasileira e pela edição francesa? Esta retoma elementos daquela? Os episódios históricos franceses evocados no romance são enfatizados pelo paratexto da tradução de Dominique Stoenesco?

Partindo do pressuposto teórico de que a identidade é um conjunto de elementos e de pertencimentos cujo agenciamento varia de acordo com o contexto (MAALOUF, 1998, p. 16-17) e retomando a questão basilar lembrada por Stéphane Ferret: “[...] nossa atribuição de identidade depende da própria realidade ou de nossa visão de mundo?”⁴ (FERRET, 1998, p. 26, tradução nossa), interessei-me pelas figurações identitárias em *O nobre sequestrador*.

Na primeira parte, interessei-me pelas grandes linhas da obra de Antônio Torres, de modo geral, e do romance *O nobre sequestrador*, de modo específico, bem como pelo

⁴ Texto original: “[...] notre attribution de l'identité dépend-elle des choses elles-mêmes ou de notre vision du monde ?”

contexto histórico dos corsários. Na segunda parte, analiso elementos paratextuais (Genette, 2009; Yuste Frías, 2015) do romance de Torres e de sua tradução francesa *Le Corsaire de Rio* (2016), feita por Dominique Stoenesco. A seguir, analiso figurações identitárias de certos grupos (franceses, portugueses, indígenas) e a representação identitária do protagonista em sua dupla perspectiva de herói e vilão.

2 IÇANDO AS VELAS

2.1 Grandes linhas do percurso de Antônio Torres

Antônio Torres nasceu em Junco, na Bahia em 1940. Em entrevista ao projeto *Um Escritor na Biblioteca*, promovido pela Biblioteca Pública do Paraná, o autor confidenciou que sua vocação para a ficção foi despertada ainda na infância. Na escola primária, a professora sugeriu a chuva como tema para uma redação. “Um dia ela pegou pesado. O tema seria ‘um dia de chuva’. O lugar era chegado numa seca. Escrever sobre chuva exigia muita imaginação. Eu acho que foi nesse dia que ela fez de mim um ficcionista. Fui desafiado. Era muito seco aquele lugar.” (TORRES, 2011).

A partir de então, Torres trabalharia com a palavra, seja como escritor de ficção, como jornalista ou redator publicitário. O autor atuou como jornalista em Salvador e São Paulo no início dos anos 1960. Nesta cidade trabalhou também como redator publicitário. Após o golpe militar de 1964, mudou-se para a Europa, vivendo em Portugal por três anos. De retorno ao Brasil, instalou-se no Rio de Janeiro onde lançou seu primeiro romance, *Um cão uivando para a Lua*, considerado “revelação do ano” pela crítica especializada em 1972.

Seu segundo romance intitulou-se *Os Homens dos Pés Redondos* (1973), entretanto, seu reconhecimento internacional veio em decorrência da publicação da obra *Essa Terra*, em 1976, na qual o autor aborda a questão do êxodo rural dos nordestinos. Enfocando um tema de interesse internacional, esse livro ganhou uma edição francesa em 1984, *Cette Terre*, na tradução de Jacques Thiériot, coleção *Suite Brésilienne*, editora *Metailié*. Posteriormente, foi traduzido para o inglês, espanhol, italiano, alemão, hebraico e holandês. A continuação dessa obra, *O Cachorro e o Lobo* (1997), foi traduzida por Cécile Tricoire para o francês pela editora *Phébus* com o título *Chien et loup* (2000).

Em 1998, Antônio Torres foi condecorado pelo governo francês como *Chevalier des Arts et des Lettres* em razão de seus romances publicados na França até esse ano: *Essa Terra* (1984) e *Um táxi para Viena d’Áustria* (1992). Este último teria sido inspirado em um sonho do autor, um verdadeiro *insight* a respeito do drama emocional vivenciado por um publicitário que fica retido pelo trânsito do Rio de Janeiro. A obra foi traduzida por Henri Raillard para o francês, pela Editora *Gallimard*, em 1992. Em 2001 recebeu o *Prêmio Zaffari & Bourbon*⁵ na

⁵ Prêmio dividido com o catarinense Salim Miguel pelo romance *Nur na escuridão* (1999).

9ª Jornada de Literatura de Passo Fundo/RS, em atenção a seu romance *Meu Querido Canibal* (2000). O livro aborda a biografia do líder tupinambá Cunhambebe, lendário guerreiro indígena, na época do Brasil-Colônia. Aprofundando suas pesquisas históricas, Antônio Torres publicou *O nobre sequestrador* (2003). Segundo Suzana Vargas trata-se de um “Monumental romance onde ficção, história, biografia, análise crítica e lirismo realizam um dos mais belos casamentos da escrita contemporânea.” (2012, contracapa). O livro aborda a invasão francesa ao Rio de Janeiro no ano de 1711, liderada por um corsário do rei Luís XIV, René Duguay-Trouin. Essa obra foi finalista no *Prêmio Zaffari & Bourbon* de 2003.

Pelo fundo da agulha (2006), que encerra a trilogia iniciada por *Essa Terra* (1976) e *O cachorro e o lobo* (1997), recebeu o prestigioso Prêmio Jabuti. No ano 2000, foi homenageado com o *Prêmio Machado de Assis*, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra. Eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL) em 2013, Torres passou a ocupar a cadeira 23, cujo fundador foi Machado de Assis e que tem como patrono José de Alencar. Em 2015, Antônio Torres tomou posse da cadeira 9 na Academia de Letras da Bahia, anteriormente vinculada a João Ubaldo Ribeiro.

2.2 Itinerário de Torres do Brasil à França

Em relação ao conjunto da obra de Antônio Torres, que visão se geral pode depreender? Quais seriam suas temáticas mais marcantes? O primeiro romance de Antônio Torres, *Um cão uivando para a lua* (1972), marca a estreia do autor na literatura brasileira. Seu texto foi inspirado na visita a um velho amigo, viciado em drogas, internado em um manicômio da cidade do Rio de Janeiro. Na época, diversos tipos de problemas mentais costumavam ser tratados através de terapia de eletrochoque. O protagonista da obra é um homem doente, confuso, conturbado, repleto de mágoas de infância. O ambiente é o Brasil rural dos anos 70, na época da construção da rodovia Transamazônica, entre a Paraíba e o Amazonas. No romance, o autor aborda a questão do preconceito sofrido pelos nordestinos que se mudavam para a cidade de São Paulo, em busca de uma oportunidade de trabalho. O narrador é um homem sem nome que expõe seu pensamento de forma intensa, dolorida, criativa, emotiva, reflexiva, numa espécie de terapia com o leitor.

Em seu livro subsequente, *Os homens dos pés redondos* (1973), Torres mergulha no drama de um desenhista que planeja matar seu chefe com uma tesoura. Esse chefe, alvo de tanta antipatia, é um escritor que fica retido no aeroporto ao tentar embarcar para Estocolmo. Enquanto isso, um estrangeiro assume sua identidade, tomando seu lugar no trabalho e na

vida privada. Num país fictício chamado Ibéria, muito semelhante a Portugal, nos anos 60, os personagens do romance circulam em torno de si mesmos, até ficarem com os pés redondos.

Na trilogia composta por *Essa Terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997), *Pelo fundo da agulha* (2006), Antônio Torres faz uma releitura do regionalismo, mostrando três momentos na vida do protagonista Totonhim, migrante nordestino em busca de melhores condições de vida. A obra apresenta traços autobiográficos, pois o narrador e o autor possuem histórias semelhantes. Respeitadas as diferenças entre o jornalista e o retirante, ambos saem do interior da Bahia em busca de trabalho no sudeste do Brasil. Os livros abordam o drama da migração nordestina para a cidade de São Paulo, revelando as consequências sociais e psicológicas que envolvem a família do retirante. Os romances apresentam um panorama histórico do Brasil no século XX, mostrando o contraste entre os grandes centros urbanos da região Sudeste e o sertão do Nordeste. O autor introduz uma reflexão sobre a questão da busca da identidade desses retirantes, contendo um traço de ironia ao descrever as paisagens e os estereótipos locais.

A obra cosmopolita *Um táxi para Viena d'Áustria* (1991) refere-se à história de um publicitário desempregado que comete um crime, fugindo de táxi. No entanto, o personagem fica retido no trânsito conturbado da hora do *rush*. A história se desenrola em uma tarde apenas, no bairro de Ipanema, no Rio de Janeiro. Em meio a um enorme congestionamento, o protagonista do romance, Watson Rosavelti Campos, mistura fantasia e realidade, sonhos e devaneios, revelando dramas existenciais do homem cosmopolita. O personagem foge da situação angustiante do presente através de uma viagem mental que o transporta para um mundo distante e imaginário.

Em seu primeiro romance histórico, *Meu querido canibal* (2000), Antônio Torres lança um novo olhar sobre a identidade brasileira ao adotar uma perspectiva particular para a biografia de Cunhambebe, lendário herói indígena. O autor trabalha o conceito de antropofagia cultural, um dos conceitos basilares do Modernismo brasileiro, como uma forma de afirmação identitária. Assim, segundo os costumes tribais da época, o canibal devorava seu inimigo em sinal de respeito, com o objetivo místico de se apropriar de sua sabedoria e de sua força. Em tom de ironia, Torres descortina o processo de ocupação do Brasil pelos colonizadores portugueses, ressaltando a luta dos índios, habitantes nativos, pela manutenção de seu estilo de vida. Essa resistência visava à defesa de suas terras originais e de sua liberdade. Em estudo intitulado *(Re)pensando a História a partir da Literatura: Meu querido canibal, de Antônio Torres*, Luciana Rassier destaca os seguintes aspectos desse romance:

Nesse romance, o autor resgata a figura de Cunhambebe, líder indígena da Confederação dos Tamoios, ao mesmo tempo em que denuncia aspectos nada heroicos de personagens consagradas pela história oficial. Ao “canibalizar” o discurso histórico, Torres desconstrói estereótipos e leva o leitor a refletir sobre o Brasil colonial e contemporâneo. (RASSIER, 2010, p.61).

Segundo Jorge de Souza Araújo, em seu livro *Floração de Imaginários, O Romance Baiano no Século XX, Meu querido canibal* teria certa sequência histórica em *O nobre sequestrador* (2003), com as aventuras do corsário Duguay-Trouin e sua chegada impactante ao Brasil no século XVIII. (ARAÚJO, 2008, p. 301). A análise de Rassier (2009) vai no mesmo sentido. Em seu artigo *Réécriture et cannibalisation de l’histoire par la littérature dans l’oeuvre du romancier brésilien Antônio Torres* publicado no livro *Les Échanges culturels internationaux France, Brésil, Canada-Québec*, Luciana Rassier analisa esses romances de Antônio Torres:

Em *Meu querido canibal* e *O nobre sequestrador*, Antônio Torres questiona a verdade veiculada pela historiografia oficial, assim como as fronteiras entre texto ficcional e não ficcional. Nem romance-histórico, nem romance-reportagem, os dois romances privilegiam o hibridismo na forma e no conteúdo. Mestre na arte do canibalismo cultural, o escritor brasileiro nos apresenta textos provocadores que contam a ‘história secreta das nações’. (RASSIER, 2009, tradução nossa).⁶

Essas duas narrativas continuam suscitando interesse, como comprovam suas recentes traduções em língua francesa, feitas por Dominique Stoenesco. Este tradutor possui um longo percurso como estudioso da literatura de língua portuguesa: foi professor de português no ensino público na França e cofundador da revista *Latitudes-Cahiers Lusophones*, publicação voltada à valorização da língua portuguesa na França. Cronista literário e tradutor, Dominique Stoenesco realizou diversas traduções de escritores e poetas portugueses e brasileiros para o francês. Em 2015, ele traduziu *Meu Querido Canibal* para o idioma francês, sob o título *Mon cher cannibale*, Editora Pétra. Em 2016, lançou simultaneamente na França e na Suíça a versão francesa da obra *O nobre sequestrador* com o título *Le corsaire de Rio*, pela mesma editora.

⁶ Texto original: “Dans *Mon cher cannibale* et *Le noble ravisseur* Antônio Torres met en question la vérité censée être véhiculée par l’historiographie officielle tout comme les frontières entre texte fictionnel et non fictionnel. Ni romans historiques, ni romans reportages, ces récits privilégient l’hybridisme dans leur forme et dans leur contenu. Maître dans l’art du cannibalisme culturel, l’écrivain brésilien nous livre des textes provocateurs qui racontent ‘l’histoire secrète des nations’.”

2.3 Mergulhando no contexto histórico

No romance *O nobre sequestrador* (2003), cujo protagonista é um corsário, Torres revisita episódios da História do Brasil e da França a partir do século XVI, momento histórico que se caracteriza por ser um período de grandes descobertas marítimas. Dentre os exploradores franceses, merece destaque Jacques Cartier (1491-1557), natural de Saint-Malo, explorador francês reconhecido por suas viagens ao Canadá. O célebre navegador realizou diversas expedições oficiais em direção à América do Norte. Cartier tomou posse do Canadá em nome do rei da França em 1534. (SILVA; VIANNA, 2003).

No âmbito das grandes navegações, surge a figura do corsário: um comandante de navio temporariamente autorizado a atacar e pilhar seus inimigos, um verdadeiro pirata atuando em nome de um rei. A guerra de corso era uma atividade tradicionalmente financiada por um Estado contra o comércio naval rival. Quando havia interesse de ordem política ou mesmo econômica, os governantes costumavam legalizar a atividade de pirataria através das cartas de corso, as quais conferiam legitimidade aos ataques e saques realizados em nome da coroa. (BERBOUCHE, 2010).

Nesse sentido, o militar francês Nicolas Durand de Villegaignon (1510-1572) liderou uma expedição francesa ao Brasil (1555), contando como apoio do rei Henrique II (1519-1559), cujo objetivo foi fundar uma base francesa no Rio de Janeiro, a chamada França Antártica. A ideia era criar um espaço livre de perseguições religiosas para os protestantes franceses, conhecidos como huguenotes. Após a invasão, construíram o Forte de Coligny na antiga ilha de Sergipe - atualmente ilha de Villegaignon, sede da Escola Naval - local estratégico para a exploração do território colonial e de suas riquezas. Apesar do apoio dos índios tamoios, o sonho de tolerância religiosa do vice-almirante francês, Villegaignon, e sua esquadra terminou em 1560, após um bem-sucedido ataque ao Forte de Coligny, liderado pelo então governador-geral do Brasil (1504-1572), Mem de Sá. (CANTARINO, 2007). Não apenas na França, mas também em outros países europeus, existiram célebres corsários.

James Lancaster (1554-1618), corsário inglês, autorizado pela coroa britânica, invadiu o porto do Recife, no Brasil, em 1595, pilhando suas riquezas coloniais, num episódio que ficou conhecido como a Captura do Recife. Outro corsário inglês de renome, Sir Francis Drake (1550-1596), ficou famoso por suas façanhas lendárias contra a Espanha, sendo condecorado como cavaleiro pela rainha Isabel I em 1581. Robert Charles Surcouf (1773-1827), renomado corsário francês, natural de Saint-Malo, fez fortuna com a guerra de corso,

sobretudo atacando e pilhando navios britânicos no Oceano Índico. Além disso, atuou também num próspero comércio de pessoas: os escravos africanos. (BERBOUCHE, 2010).

No século XVIII, durante o reinado de Luís XIV na França, a Holanda experimenta um período expansionista, investindo no tráfico negreiro africano e em plantações de açúcar nas Antilhas, além do comércio de especiarias do Oriente. O grande êxito comercial holandês desperta a cobiça de seus rivais, entre eles a França. Além disso, existe a guerra de sucessão na Espanha, provocando a união de diversos países como a Inglaterra, a Áustria, a Prússia e a Holanda em uma aliança contra uma possível unificação entre os reinos de Espanha e França.

Nesse contexto, os ingleses atacam as colônias francesas no Canadá, na América e na Índia. Franceses e espanhóis revidam atacando as colônias portuguesas na América e África. Ingleses e holandeses lançam mão dos serviços de corsários e piratas com o objetivo de atrapalhar as relações comerciais da França e da Espanha tanto no Mediterrâneo quanto nas Antilhas.

Nesse panorama conturbado, ocorre em 1710 o primeiro ataque francês à cidade de São Sebastião Rio de Janeiro, então colônia portuguesa, comandado por Jean-François Duclerc (1670-1711), corsário e oficial de marinha francês. A justificativa para o ataque teria sido a cobiça ao ouro proveniente de Minas Gerais, visando financiar as guerras pela sucessão da Espanha. O ataque fracassa e Duclerc é feito prisioneiro, depois misteriosamente assassinado. No ano seguinte, o comandante Duguay-Trouin, com o patrocínio do rei Luís XIV, decide vingar a derrota de seu compatriota e ataca novamente a cidade brasileira, desta vez com sucesso. (SILVA; VIANNA, 2003).

Em tempos de expansão mercantilista, a família de Duguay-Trouin viveu em Saint-Malo, cidade portuária francesa, famosa por suas muralhas, tradicional escola de navegantes. A cidade localiza-se estrategicamente no litoral da Bretanha, nas proximidades do Canal da Mancha, região inserida nos conflitos marítimos da época. Nesse contexto, René Duguay-Trouin (1673-1736) inicia assim suas memórias:

Nasci em Saint-Malo, no dia 10 de junho de 1673, de uma família de negociantes atacadistas. Meu pai comandava embarcações armadas, ora para a guerra, ora para o comércio, de acordo com as diferentes conjunturas. Ele havia granjeado para si a reputação de excelente pessoa e marinheiro capaz. No começo do ano de 1689, tendo sido declarada a guerra contra a Inglaterra e a Holanda, solicitei e obtive da minha família permissão para embarcar, na qualidade de voluntário, numa fragata chamada *Trinité*, de 18 canhões, que era aprestada para engajar-se no curso contra os inimigos do Estado. (DUGUAY-TROUIN *apud* SILVA; VIANNA, 2003, p. 61-62).

Começa então um longo período (1689-1712) de aventuras marítimas na vida de Duguay-Trouin. Inicialmente reticente e temerário da nova vida no mar, ele vai progressivamente evoluindo em suas manobras, ganhando experiência e autoconfiança em combates. Em *Memórias do Senhor Duguay-Trouin, Tenente-general das forças navais de França e Comandante da Ordem Real e Militar de São Luís*⁷ (1740), o corsário registrou suas motivações para a invasão do Rio de Janeiro:

Todas essas circunstâncias, aliadas à expectativa de um **butim imenso**, e sobretudo à **honra** que se poderia alcançar com um empreendimento tão difícil, fizeram nascer em meu coração o desejo de levar **a glória das armas** do rei até aquelas regiões afastadas, bem como o de **punir a desumanidade** dos portugueses mediante a destruição daquela florescente colônia. (DUGUAY-TROUIN *apud* SILVA; VIANNA, 2003, p. 142-143, grifo nosso).

Segundo esse texto histórico, Duguay-Trouin propõe-se a lançar-se ao mar para combater a falta de escrúpulos dos colonizadores (“punir a desumanidade”), em busca do reconhecimento por sua bravura (“honra”), por orgulho de servir o rei Luís XIV (“a glória das armas”), além da esperança de enriquecimento (“butim imenso”). Como essa questão é abordada no texto ficcional de Torres?

2.4 Hasteando a bandeira: grandes linhas de *O nobre sequestrador*

Antônio Torres apresenta, em entrevista à Editora Record, o protagonista de seu romance de maneira significativa:

Trata-se do corsário do rei Luís XIV, René Duguay-Trouin, que em 1711 fez o primeiro **sequestro** do Rio de Janeiro, na maior invasão francesa de todos os tempos. Ele chegou numa esquadra de 18 navios, com quase 6 mil homens e 700 canhões, para **saquear** o ouro que aqui era embarcado para Portugal. E fez um **arraso**: tomou a cidade como **refém** durante os cinquenta dias em que ficou à espera do pagamento do resgate, para devolvê-la a seus habitantes. É um dos episódios mais terríveis da história do Brasil na sua era colonial. (TORRES, 2003, grifo nosso).

O próprio vocabulário escolhido (‘sequestro’, ‘saquear’, ‘arraso’, ‘refém’) evidencia a perspectiva adotada por Torres, que enfatiza a violência da invasão francesa ao Rio de Janeiro em 1711, a qual teria sido ‘um dos episódios mais terríveis da história do Brasil’. A mesma

⁷ Título original: *Memoires de Monsieur Duguay-Trouin, Lieutenant General des armées navales de France et Commandeur de l'Ordre Royal & Militaire de Saint Louis*

perspectiva é evidenciada em entrevista de Antônio Torres a Suzana Ramos Ventura: “a história do Rio sempre foi uma historia de medo”; “Em *Meu querido canibal e O nobre sequestrador* faço uma investigação sobre as origens da violência do Rio (e do Brasil), nos séculos XVI e XVIII.” (TORRES, 2010, p. 207).

Se essa é a abordagem adotada por Torres, como ele organiza sua narrativa? Romanceando a biografia e as aventuras do corsário francês, Torres divide o romance em três momentos distintos. Na primeira parte, *A estátua falante*, o autor dá voz ao protagonista, trazendo-o ao início do século XXI através da estátua que o representa em sua cidade natal, Saint-Malo. Numa estratégia pouco comum e instigadora, o corsário-estátua se transforma em narrador da própria história, dirigindo-se diretamente ao personagem do escritor:

[...] vamos, aproveite, click-click você também, encare-me, você não estará vendo mais do que a estampa de um herói imóvel – ou vilão, para vocês brasileiros –, seja lá como for aqui estou, assentado em bronze neste canto desta secular muralha, exposto à visitação pública dos turistas de todo o mundo [...]. (TORRES, 2012, p.14).

Interessante destacar a dupla perspectiva, sublinhada deste o início da obra. Herói ou vilão, essa definição depende do ponto de vista, variando de acordo com lugar de enunciação. Na voz narrativa do corsário, percebe-se o orgulho por suas conquistas: “Sou um general, não se esqueça. **Um herói da França.**” Neste mesmo trecho do livro, o personagem do escritor responde: “Que **assaltou** navios, portos e cidades, **matou muita gente** em nome do rei e, por conta própria [...]”. (TORRES, 2012, p. 83, grifo nosso). Na fala do narrador-estátua, evidencia-se também a oposição entre ‘nós’, os franceses e ‘vocês’, os brasileiros. Além disso, a estátua em bronze tornou-se um ponto turístico, atraindo toda sorte de público, nem todos interessados em sua importância histórica.

Na segunda parte, *Quando as guerras eram outras e outro era o mundo*, o personagem-escritor assume a voz narrativa, contando inicialmente sua própria viagem à França, no início de 2002, em busca de detalhes da biografia de René Duguay-Trouin. No âmbito de suas pesquisas para o romance, o personagem-escritor revela que esteve em La Rochelle, Rochefort, Paris, Nantes, Saint-Malo. Em La Rochelle, encontra-se com um jovem historiador francês, descobrindo surpreso que: “Na cidade que serviu de ponto de partida para a sua heroica trajetória, Duguay-Trouin não chegou a ser um tipo inesquecível.” (TORRES, 2012, p. 153). Após ter lido diversos autores franceses que descreveram o corsário com adjetivos elogiosos como ‘coragem indomável’, ‘energia selvagem’, ‘incontestável talento’, o personagem-escritor admira-se com a afirmação do historiador sobre a personalidade do

corsário: “Um homem medíocre, que um dia, surpreendentemente, teve uma ideia de gênio.” (TORRES, 2012, p. 157).

Na terceira parte, *Quando eles foram embora*, Antônio Torres introduz uma peculiar voz narrativa, a ‘Praça do Rei’, que expressa o ponto de vista da vítima da invasão, da própria cidade do Rio de Janeiro: “Quando eles foram embora, eu, a Praça do Rei, me olhei no espelho das águas e o que vi foi uma meretriz de beira de cais, desgrehada, ofendida, estuprada, malcheirosa, abandonada.” (TORRES, 2012, p. 219). Nessa parte, percebe-se a perspectiva histórica desse lado do Atlântico, na qual Duguay-Trouin se transforma verdadeiramente em vilão da história.

Essa dupla perspectiva, herói x vilão, é um dos elementos-chave de *O nobre sequestrador*, conforme afirma o próprio autor em entrevista a Suzana Ramos Ventura: “René Duguay-Trouin me encantou pela sua dupla condição: herói na França, vilão no Brasil.” E conclui: “Para um ficcionista, não importa muito o que as pessoas foram, mas o que ele pode fazer que elas sejam.” (TORRES, 2010). Essa dupla perspectiva torna-se ainda mais interessante quando é pensada no âmbito da relação entre o texto original em português, de Antônio Torres, e sua tradução francesa, feita por Dominique Stoenesco. É a essa análise que é consagrada a segunda parte deste trabalho.

3 DESFRALDANDO AS VELAS

3.1 Desvendando as brumas do paratexto

Elementos como capa, título, imagens, entre outros, dão indicação do conteúdo da narrativa, sendo determinantes no estabelecimento do pacto de leitura proposto. Nesse contexto, José Yuste Frías, em seu artigo *Paratradução, a tradução das margens, à margem da tradução*, apresenta os avanços teóricos e práticos que o conceito de “paratradução” trouxe para o estudo da teoria da tradução. “O enfoque paratradutivo da tradução estuda como os paratextos podem influir enormemente sobre a maneira com que um novo público percebe uma literatura traduzida [...]”.⁸ (FRÍAS, 2015, p. 322, tradução nossa)

O termo ‘paratexto’, conceito criado pelo crítico literário francês Gérard Genette, refere-se aos elementos constituintes do livro que são externos ao texto literário como, por exemplo: a capa; a contracapa; a lombada; o título; a epígrafe; a bibliografia ou as notas de rodapé. Em seu livro, *Seuils* (1987), traduzido no Brasil por Álvaro Faleiros (2009), Genette conceitua ‘paratexto’ como: “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público. Mais do que um limite ou uma fronteira estanque, trata-se aqui de um limiar [...]”. (GENETTE, 2009, p. 9).

No site da editora Ateliê Editorial, é possível encontrar um breve resumo da obra traduzida sob o título *Paratextos Editoriais*:

Gérard Genette faz neste livro um longo ensaio sobre o paratexto do texto literário: apresentação editorial, nome do autor, títulos, dedicatórias, epígrafes, prefácios, notas, entrevistas e debates sobre o livro, entre outros. Esse aparato, muitas vezes visível demais para ser percebido, pode atuar sem que seu destinatário o saiba. Genette procura, portanto, estimular o leitor a examinar mais de perto aquilo que, às escondidas e com tanta frequência, regula nossas leituras.⁹

Genette (2009) designa o “paratexto” como o entorno ou o prolongamento de um texto literário. Nesse sentido, o crítico literário francês distingue o “peritexto”, que seria parte

⁸ Texto original: “El enfoque paratraductivo de la traducción estudia cómo los paratextos pueden influir enormemente sobre la manera en que un nuevo público percibe una literatura traducida [...]”.

⁹ EDITORA Ateliê Editorial, [Resumo] da obra de GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. Disponível em: <<http://www.atelie.com.br/livro/paratextos-editoriais/>>. Acesso em: 06 out. 2016.

integrante do livro (título, prefácio, ilustrações) do “epitexto”, composto por elementos externos ao livro (entrevistas do autor, sua correspondência, seus diários, entre outros).

Utilizando-me desse aporte teórico, examino a seguir o título em *O nobre sequestrador*. Preliminarmente, é possível notar-se uma oposição conceitual no jogo de palavras. Com o uso de uma figura de linguagem, um oxímoro, percebe-se a combinação de palavras de significados opostos, criando um interessante paradoxo que acaba por reforçar o significado das palavras combinadas. ‘Sequestrador’ é um termo comumente relacionado aos criminosos, bandidos, malfeitores, piratas. Ao passo que ‘nobre’ nos remete às pessoas notáveis, ilustres, generosas, corajosas, honradas, aos verdadeiros cavalheiros.

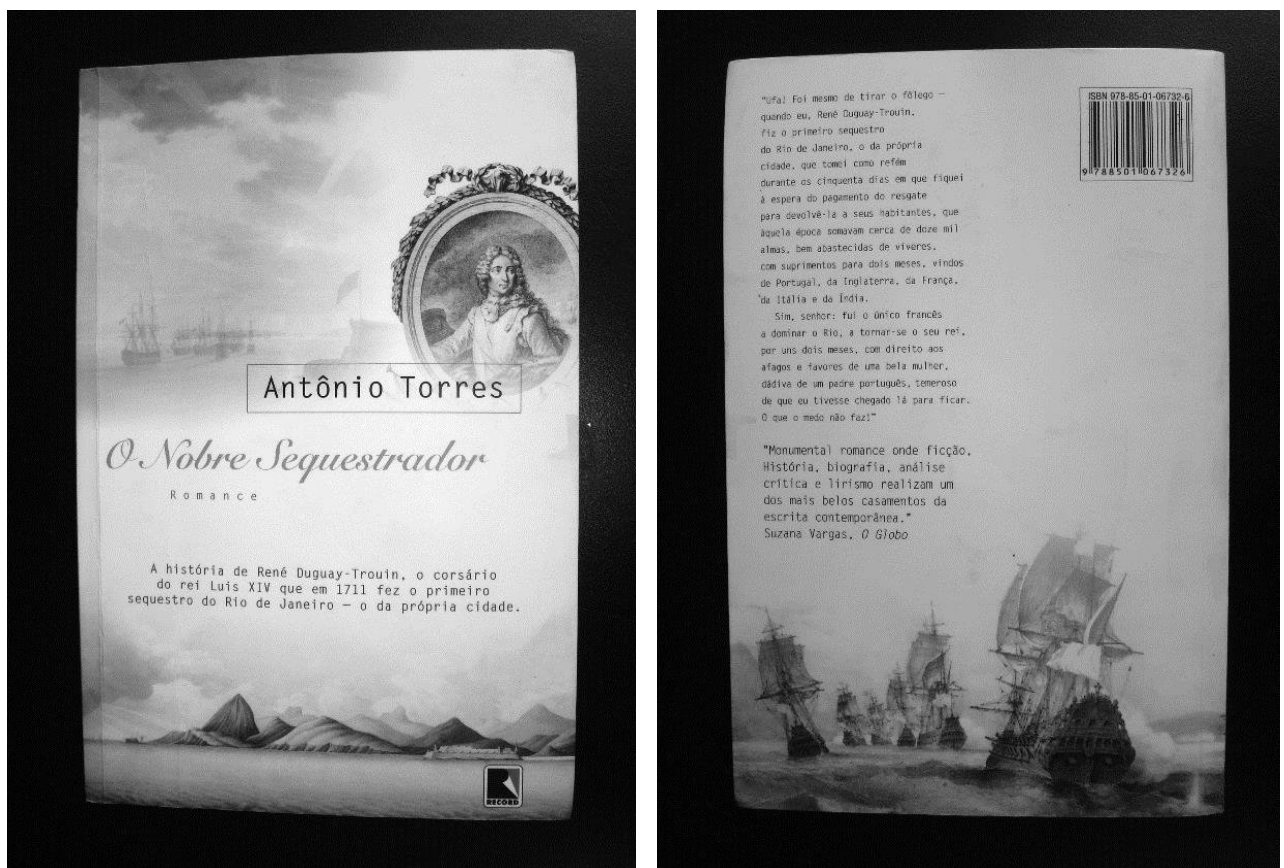
Segundo Sanchez Neto, o termo ‘nobre’ viria recheado de ironia, pois o livro:

[...] faz parte de uma sensibilidade paródica da cultura brasileira, pois o herói, dito nobre, neste caso com intenções satíricas, era um saqueador e esta sua condição é que leva Antônio Torres, mesmo admirando sua coragem corsária, a transformá-lo numa espécie de antepassado do brasileiro. (NETO, 2004).

Outro paratexto, a capa, apresenta como pano de fundo uma gravura evocando o litoral carioca no século XVIII. Ao longe navios chegando ao litoral e um bucólico retrato do célebre corsário.

FIGURA 01

Capa e Contracapa do livro *O nobre sequestrador*



Em seu artigo intitulado *Os fios híbridos da tessitura da história em ‘O nobre sequestrador’ de Antônio Torres*¹⁰ (tradução nossa), Rita Olivieri Godet explica que a construção do epíteto, através de entrevistas do autor, procura ressaltar a fundamentação histórica do romance, uma narrativa ficcional que constrói sua intriga em torno de um personagem real. Segundo GODET:

[...] a capa do livro multiplica os índices que se referem ao passado, através da sobreposição de imagens antigas da baía do Rio de Janeiro com navios e fortalezas, o conjunto dominado pelo retrato do capitão corsário Duguay-Trouin.¹¹ (GODET, 2007, tradução nossa).

Assim, o paratexto aqui serviria para expor as pesquisas históricas do personagem-escritor a respeito do protagonista. A capa nos envia ao passado, mas a narrativa também traz o contemporâneo.

Como isso é abordado na tradução em língua francesa? *Le corsaire de Rio* (2016) apresenta concepção gráfica e capa de Jibee Yoon. Sua cobertura frontal não possui imagens, somente título sobre fundo branco. Em cima, no alto da página aparece em destaque o nome da coleção literária ‘Voix d’ailleurs’ que pode ser traduzida por ‘Vozes de outro lugar’. Nessa mesma coleção, além de Antônio Torres, constam autores estrangeiros contemporâneos que foram traduzidos para o francês. Romancistas, dramaturgos ou poetas de origem alemã, turca, húngara, norte-americana, ou mesmo brasileira, cujas obras ainda são pouco conhecidas do mundo francófono.

Cabe ressaltar que o termo ‘Vozes de outro lugar’ expressa uma perspectiva essencial da tradução literária, conforme lembra Laplantine:

Quando eu traduzo, eu traduzo tanto o outro em mim, quanto eu me traduzo no outro, encontrando através desse contato, dessa exposição, essa ‘prova ao estrangeiro’, de fontes linguísticas, de formas de pensar e de expressão que eram latentes e às quais eu reagi. Eu acolho o estrangeiro que se refugia na minha língua, mas eu também me refugio na língua dele. (LAPLANTINE, NOUSS, 2001, p. 563).¹²

¹⁰ Título original : Les fils hybrides du tissage de l’histoire dans *O nobre sequestrador* de Antônio Torres.

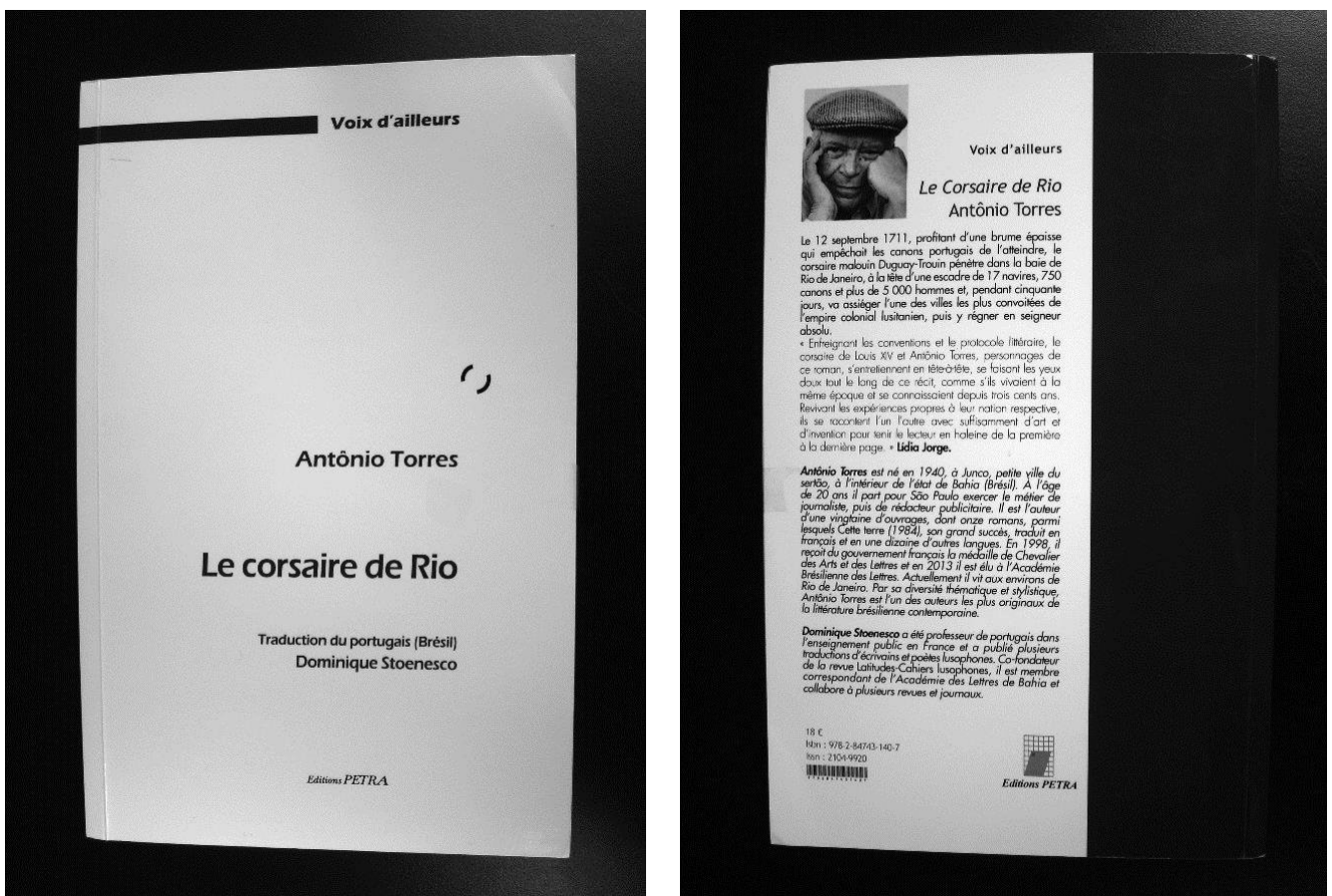
¹¹ Texto original : “[...] la couverture du livre multiplie les indices qui renvoient au passé, en superposant des images anciennes de la baie de Rio de Janeiro avec des vaisseaux et des forteresses, le tout surplombé par le portrait du capitaine corsaire Duguay-Trouin.”

¹² Texto original : “Lorsque je traduis, je traduis autant l’autre en moi que je me traduis en l’autre, trouvant par ce contact, cette exposition, cette « épreuve à l’étranger », des ressources langagières, des modes de pensée et d’expression qui y étaient latents et que je réactive. J’accueille l’étranger qui se réfugie dans ma langue mais aussi je me réfugie dans la sienne.”

Assim, este termo ‘Vozes de outro lugar’ carrega em si uma conotação ambígua, podendo ser interpretado como uma oportunidade, oferecida ao estrangeiro, de ser ‘ouvido’ nos países francófonos ou como uma ocasião vivenciada pelos próprios franceses na busca por outras vozes, de outras culturas, exteriores à sua, acrescentando novas perspectivas e vivências inusitadas ao ‘velho mundo’. Evidencia-se aqui a mesma dualidade de pontos de vista presente no personagem do corsário: “nós”, os franceses e “os outros”, os estrangeiros.

FIGURA 02

Capa e Contracapa do livro *Le corsaire de Rio*



Do ponto de vista francês, ‘O corsário do Rio’ poderia ser um título representativo da obra de Antônio Torres. Como vimos, o termo ‘corsário’ faz parte da história da Europa e remete ao capitão de navio que se aventura ao mar como o objetivo de promover ações bélicas contra navios mercantes inimigos em busca de riquezas para seu país de origem. Além disso, no imaginário francês a cidade do Rio remete a um paraíso tropical, uma terra exuberante esperando para ser desfrutada.

O nome do tradutor francês aparece impresso na capa com a explicação que a obra foi traduzida do português do Brasil. Na contracapa, uma foto em cores do autor brasileiro, um breve resumo da obra, um comentário da escritora portuguesa Lúcia Jorge, uma breve biografia de Antônio Torres e outra de Dominique Stoenesco.

A imagem do escritor brasileiro aparece, conferindo personalidade ao nome do autor do romance, ao lado do título da coleção ‘Vozes de outro lugar’, evidenciando tratar-se de um romancista de origem estrangeira. O resumo da obra procura valorizar a figura do corsário francês que teria realizado um feito surpreendente ao conquistar, mesmo que provisoriamente, o Rio de Janeiro, uma das cidades mais desejadas do império colonial português. Valorizando o estilo literário de Antônio Torres, o trecho redigido pela escritora portuguesa Lúcia Jorge destaca a intimidade reveladora entre os personagens do escritor e do corsário, além do clima de suspense da obra, o que contribui a despertar o interesse do leitor:

Violando as convenções e o protocolo literário, o corsário de Luís XIV e Antônio Torres, personagens desse romance, conversam informalmente, se contemplando intimamente ao longo da narrativa, como se ambos vivessem na mesma época e se conhecessem há trezentos anos. Revivendo as experiências próprias às suas respectivas nações, eles dialogam com arte e invenção suficientes para manter o leitor em suspense da primeira à última página.¹³ (JORGE, 2016, contracapa, tradução nossa).

Na breve biografia de Torres, o paratexto editorial revela ao leitor em potencial que o autor nasceu no interior da Bahia, tendo trabalhado em São Paulo como jornalista e redator publicitário. Acrescenta que o romancista brasileiro é autor de várias obras literárias de sucesso, entre elas *Essa Terra*, já traduzida em francês, além de em outras dezenas de línguas estrangeiras. Ressalta também os prêmios internacionais recebidos por Antônio Torres, notadamente aquele concedido pelo governo francês: *la médaille de Chevalier des Arts et Lettres* (1998). Destaca ainda que o escritor brasileiro é membro da Academia Brasileira de Letras, sendo atualmente considerado um dos autores mais originais da literatura brasileira contemporânea. Expõe ao leitor francês o reconhecimento institucional do autor: os prêmios recebidos, as traduções realizadas, além do pertencimento a instituições prestigiosas.

Finalmente, o paratexto, da contracapa, apresenta um breve resumo da trajetória profissional do tradutor da obra para o idioma francês, enfatizando suas ligações com a cultura e a literatura de língua portuguesa:

¹³ Texto original: “Enfreignant les conventions et le protocole littéraire, le corsaire de Louis XIV et Antônio Torres, personnages de ce roman, s’entretiennent en tête-à-tête, se faisant les yeux doux tout le long de ce récit, comme s’ils vivaient à la même époque et se connaissaient depuis trois cents ans, ils se racontent l’un l’autre avec suffisamment d’art et d’invention pour tenir le lecteur en haleine de la première à la dernière page.”

Dominique Stoenesco foi professor de português no ensino público na França e publicou diversas traduções de escritores e poetas lusófonos. Cofundador da revista *Latitudes-Cahiers lusophones*, ele é membro correspondente da Academia de Letras da Bahia e colabora com diversas revistas e jornais. (tradução nossa).¹⁴

Além disso, Stoenesco foi cronista literário na emissão de rádio Café Central Live, cronista no Jornal *Lusojornal* e tradutor de variadas obras da língua portuguesa para o francês. No sentido inverso, merece destaque sua co-organização na obra bilíngue *Traversée d'océans: Voix poétiques de Bretagne et de Bahia* (2013). Dominique Stoenesco¹⁵ foi também professor de português jurídico e defensor de imigrantes de origem portuguesa na França.

Na obra *Le corsaire de Rio*, Stoenesco escolhe não traduzir para o francês alguns termos típicos da cultura brasileira, criando um glossário no final do livro. A maioria desses termos pertencem a campos lexicais relacionados a realidades originalmente indígenas ou africanas (axé, banzo, batucada, cachaça, cauim, ginga) ou à estrutura administrativa do Brasil colonial (capitainerie, engenho, juiz de fora, ouvidor).

Nesse pequeno glossário não consta a indicação correspondente às páginas da narrativa, ao passo que, no texto, os termos são destacados com itálico e asterisco. Ao comentar, em sua experiência de tradutora, a utilização de glossários no âmbito da tradução de romances, Luciana Rassier, em seu artigo *Vozes da periferia: traduções francesas de autores do sul do Brasil*, sublinha que as notas de rodapé “alteram o ritmo da leitura e podem dispersar a atenção do leitor” (RASSIER, 2008, p. 66), fato que não acontece no caso de glossários cujas palavras não sejam marcadas por asterisco, itálicos ou outro sinal tipográfico.

No total, aparecem dez termos no glossário, em ordem alfabética: axé, banzo, batucada, cachaça, *capitainerie*,¹⁶ cauim, engenho, ginga, juiz de fora, ouvidor. Ao longo da tradução em língua francesa, eles são utilizados em português. Dois fatos merecem ser destacados. Por um lado, a definição do termo ‘axé’ vem complementada pela sugestão de pronúncia para o público francófono. Por outro lado, há no glossário uma palavra francesa: ‘*capitainerie*’, e não a palavra ‘capitania’. No corpo do texto narrativo, o termo ‘*Capitainerie*’

¹⁴ Texto original: Dominique Stoenesco a été professeur de portugais dans l’enseignement public en France et a publié plusieurs traductions d’écrivains et poètes lusophones. Co-fondateur de la revue *Latitudes-Cahiers lusophones*, il est membre correspondant de l’Académie des Lettres de Bahia et collabore à plusieurs revues et journaux.

¹⁵ Informações disponíveis no site da Fundação António Agostinho Neto que promove atividades para melhorar o bem-estar e a condição dos angolanos.

¹⁶ No glossário original, tanto o termo quanto a definição aparecem em francês: “capitainerie: vaste territoire attribué dès le début de la colonisation à des nobles portugais [...]”

aparece em língua francesa (p. 189), iniciado por letra maiúscula, destacado por itálico e asterisco, como os demais termos do glossário.

Interessante verificar que na própria explicação contextual do sentido dos verbetes aparecem outras palavras típicas da cultura brasileira como ‘capoeira’ e ‘caipirinha’ cujo significado, aparentemente, já pertenceria ao imaginário francófono, não precisando de tradução. Por exemplo, na definição de ‘cachaça’, o tradutor esclarece tratar-se de um líquido originário da cana de açúcar que serve para fazer ‘caipirinha’.¹⁷ Se esses termos já são conhecidos do leitor francês, para o leitor brasileiro, entretanto, a história dos corsários ainda é pouco conhecida. Daí, talvez, a estratégia de Torres de emprestar um tom contemporâneo à fala do corsário, para torná-lo mais acessível e mais próximo do leitor do século XXI.

3.2 Abrindo as escotilhas

Em *O nobre sequestrador*, o fio da trama se organiza pela alternância das vozes narrativas, o mesmo evento sendo recontado a partir de diferentes pontos de vista. Assim, os processos identitários abordados na intriga envolvem disputas de pertencimento ou não a grupos, os contextos históricos dessas disputas, além de elementos éticos e morais que regulam as relações desses grupos.

Interessante notar a voz narrativa do corsário-estátua explicando a relação histórica dos franceses com o Brasil colonial e, particularmente, com a cidade do Rio de Janeiro: “[...] foram os franceses os primeiros a se interessarem pelo Rio, desde 1503, quando começaram a dar com os seus navios nestas paragens, em busca das riquezas da terra, de diversão e assunto.” (TORRES, 2012, p. 26). Fascinados pela exuberância tropical, pelo clima e pela liberdade dos indígenas, os franceses se aproximaram dos nativos com o objetivo de explorá-los, alterando o equilíbrio dessa sociedade:

Entregaram-se aos usos e costumes do sistema de vida tribal, impregnando-o com os **vícios** da civilização branca, **corrompendo** os nativos com a sedução dos escambos, um comércio de trocas muito **vantajoso para os franceses**, que acharam o Rio de Janeiro uma festa. E caíram na farra, com uma imensa vontade de ficar lá para sempre. Não será assim até hoje? (TORRES, 2012, p. 27, grifo nosso).

17 Texto original: “Cachaça : Eau-de-vie de canne à sucre servant à faire la *caipirinha*.”

Mais tarde, no momento da vitória sobre os portugueses na invasão do Rio, o corsário faz alusão à manifestação divina do som do trovão para descrever seu sentimento de onipotência, mas também sublinha a expulsão dos indígenas por parte dos colonizadores:

O que chegava mesmo era o momento com que eu tanto havia sonhado. O fogo dos meus sonhos. Entrei em delírio, me sentindo um Tupã, o senhor da tempestade, segundo os vossos ancestrais tupinambás, aqueles grandes índios amigos dos franceses, e que haviam sido varridos à bala daquela terra pelos portugueses. (TORRES, 2012, p. 25).

No contexto da batalha para conquistar o Rio, Duguay-Trouin comenta sobre os colonizadores “Lentos nas decisões, os portugueses, porém, não se revelavam maus perdedores.” (TORRES, 2012, p. 18), cuja estratégica bélica elogia: “Era de tirar o chapéu para os portugueses. Eles subiam os morros como insuperáveis estrategistas de guerra. Lá em cima, faziam obras e fincavam canhões como estetas igualmente admiráveis.” (TORRES, 2012, p. 26). Entretanto, a seguir ele comemora a vitória dizendo: “E foi um arraso. Com sabor de vingança, ainda por cima, contra aqueles portugueses, vitoriosos insolentes.” (TORRES, 2012, p. 31).

Já em relação ao caráter do governador-geral da Capitania do Rio de Janeiro no período de 1710-1711, Francisco de Castro Morais, o corsário emprega adjetivos como ‘frouxo’, ‘covarde’ e ‘traidor’, afirmando que ele merecia seu apelido de ‘vaca’. O governador teria fugido sorrateiramente da luta, motivo pelo qual acabou condenado ao degredo na Índia (TORRES, 2012, p. 25).

No que tange à falta de caráter, o corsário relativiza sua crítica, ao comentar que existiam traidores dos dois lados, tanto franceses quanto portugueses. Ele exemplifica com a traição que teria sofrido por ação de um corsário francês chamado Bocage, afirmando que “canalhas não têm pátria, têm interesses imediatos.” (TORRES, 2012, p. 17).

No que diz respeito às aventuras de um de seus antecessores, o navegador francês Nicolas Durand de Villegaignon, o corsário-narrador utiliza adjetivos como ‘infeliz’, ‘perturbado’, ‘parvo’, ‘austero’, ‘empedernido’, além de debochar de sua fé e de seu projeto: “[...] suas perturbações religiosas e sua ideia maluca de fundar no Rio de Janeiro uma etérea França Antártica.” (TORRES, 2012, p. 27).

Irritado, o corsário confessa seu sentimento de indignação frente à perda da oportunidade perfeita de conquistar o Rio de Janeiro, visto que seu compatriota contava com o apoio dos índios locais, inclusive do “grande cacique Cunhambebe”:

Do alto daqueles morros do Rio eu contemplava, num estado de sublimação e melancolia, o campo que deixamos aberto para os portugueses, por total incompetência de meus antecessores. Um sentimento de indignação me dominava. Contra o infeliz Villegaignon [...] Só podia mesmo tratar-se de um parvo, que não soube tirar proveito das boas relações dos franceses com os bravos guerreiros tupinambás, fundadores da Confederação dos Tamoios [...] e da amizade do grande cacique Cunhambebe, o chefe supremo das tribos confederadas [...] (TORRES, 2012, p. 28).

Sobre Jean-François Duclerc, outro corsário francês, que fracassou em sua tentativa de invadir o Rio de Janeiro e foi capturado, preso e assassinado pelos portugueses, (TORRES, 2012, p.31), Duguay-Trouin afirma:

Fazer o Rio se render acabou sendo mais fácil do que as três vezes em que tentei, sem sucesso, saquear os navios carregados de ouro do Brasil nas costas de Portugal e da Espanha [...] (Certo, o capitão Jean-François Duclerc não poderia dizer a mesma coisa lá na cova onde apodrecia, na igreja da Candelária. Mas essa é a minha história e não a dele). (TORRES, 2012, p. 102).

4 DUGUAY-TROUIN: HERÓI OU VILÃO?

Quais seriam afinal as motivações de Duguay-Trouin em sua viagem ao Brasil? Por que ele se arriscaria tanto em suas aventuras marítimas?

4.1 Ventos favoráveis

No romance de Antônio Torres, o próprio personagem do corsário apresenta-se inicialmente como um grande herói:

[...] eu, René Duguay-Trouin, o tenente-general das Forças Armadas Navais, eternizado em bronze na passarela da glória nesta célebre muralha, a marca registrada de Saint-Malo, cá estou, no panteão ao esplendor do tempo dos marinheiros, postado de frente para o mar [...] (TORRES, 2012, p. 12).

Nesse contexto, Duguay-Trouin esclarece que não gostaria de ser confundido com um pirata, um ‘fora-da-lei’, um simples bandido, por isso, faz questão de dizer: “Por favor, não confunda o corso com a pirataria. [...] (TORRES, 2012, p. 43). A seguir, ele explica seu ponto de vista: “[...] diferentemente da pirataria, cujas práticas clandestinas se limitavam com o banditismo, o corso era uma atividade de interesse coletivo, às vezes incômoda para o Estado que a consentia ou tolerava, ou que se via obrigado a associar-se a ela.” (TORRES, 2012, p. 43). E ainda acrescenta, para não deixar dúvidas a respeito da distinção:

[...] permita-me que conte um pouco mais sobre o corso, até porque costuma-se confundi-lo com a pirataria. (As diferenças entre uns e outros, na versão popular: pirata – aquele que assaltava, saqueava e matava por conta própria; corsário – fazia a mesma coisa, mas em nome do rei.) Na versão real, o corso significava uma tentativa de domínio de uma civilização sobre outra que lhe era superior [...] (TORRES, 2012, p. 44).

4.2 Ventos contrários

Mesmo afirmando que não é um pirata, mas um corsário agindo em nome do rei, na maioria das vezes, Duguay-Trouin aparece como o vilão da história. Podemos perceber esse aspecto na perspectiva do personagem-escritor revelada através do ‘monólogo’ da estátua-falante: “[...] sou um malfadado personagem da história de seu país [...]” (TORRES, 2012, p.

12); “[...] pareço-lhe menor do que era na sua imaginação, e algo esdrúxulo nestas vestes que me eternizaram [...] assemelho-me mais, assim lhe parece, a um bailarino do que ao senhor das águas e das tempestades [...]. (TORRES, 2012, p. 15). No curso de suas pesquisas de campo, o personagem-escritor descobre, decepcionado: “Bom, La Rochelle não está nem aí para Duguay-Trouin.” (TORRES, 2012, p. 157).

Também pela própria perspectiva do corsário, em relação às motivações para participar dessa perigosa aventura no Brasil, descobrimos que o prestígio e as riquezas despertavam mais seu interesse pessoal do que a honra, a glória e os valores cristãos. Deixada a hipocrisia social de lado, a estátua-falante confessa:

Certo. Eu não queria apenas me vingar do assassinato de Duclerc e das maldades que os seus soldados estavam sofrendo nas prisões do Rio e da Bahia. A esperança de uma imensa presa, e a honra que poderia alcançar em tão difícil empreendimento, despertaram-me no coração o desejo de levar a glória das armas do rei a esses climas remotos, e punir com a destruição dessa florescente colônia a desumanidade dos portugueses. (TORRES, 2012, p. 39).

Na viagem de volta à França, o corsário planeja fazer uma escala na Bahia. Se um dos objetivos é ajudar outros prisioneiros franceses, membros da expedição de Duclerc, o aspecto econômico dessa investida é primordial:

[...] pensei em dar uma parada lá **para libertá-los, por motivos humanitários e de patriótico dever. Bons pretextos** para mais uma invasão em terras brasileiras **e tirar daquela colônia uma nova contribuição.** O que quer dizer que deixei o Rio de Janeiro com o firme propósito de assaltar a Bahia.” (TORRES, 2012, p. 107, grifo nosso).

4.3 Destino Final

Na terceira parte do romance *O nobre sequestrador*, na voz narrativa da ‘Praça do Rei’, a própria cidade se sente vítima da invasão francesa e reclama: “Eu, a cidade do Rio de Janeiro, tão cobiçada, coitada, como bem disse o general francês no começo deste livro. E quão devassada. Pobre de mim. Aguentei o bombardeio e sobrevivi a quase dois meses de pilhagens.” (TORRES, 2012, p. 220).

A cidade revela as intenções dos portugueses e dos franceses:

“O século terminou com a corrida do ouro, descoberto em 1695, em Minas Gerais.” (TORRES, 2012, p. 233).

“De tempos em tempos, aparecia um navio de portugueses. Eles olhavam, olhavam e não viam a cor daquilo que mais lhes interessava: OURO.” (TORRES, 2012, p. 229).

“A notícia correu mundo. Piratas e corsários correram para cá. Jean-François Duclerc e René Duguay-Trouin foram apenas os mais famosos.” (TORRES, 2012, p. 234).

Na primeira parte do romance, no ‘monólogo’ do corsário, ficcionalmente dialogado, é possível perceber-se na voz do ‘narrador-estátua’ um sentimento nostálgico em relação à conquista do Rio: “Não, não me faça falar assim sem mais nem menos dessa cidade chamada Rio de Janeiro. Se me lembro dela? Vivamente. Recordá-la é viver, em êxtase [...]” (TORRES, 2012, p. 18); “[...] ah, o Brasil, lá eu fui um rei no tempo dos portugueses, lá eu tive poder e mulher para o meu divertimento [...]” (TORRES, 2012, p. 12); “[...] embriaguemo-nos, não vai me oferecer uma caipirinha?” (TORRES, 2012, p. 13).

Ele comenta no desenrolar da batalha com os portugueses: “Tudo sob controle, senhor general. A defesa da cidade trocara de mãos. De cima de qualquer um dos seus pontos estratégicos, descortinava-se uma paisagem de fazer perder a respiração. Finda a tempestade, a beleza. Na trégua da batalha, o deslumbramento.” (TORRES, 2012, p. 26). Mas, ao comentar sobre o Rio de Janeiro, Duguay-Trouin não se restringe ao período colonial, e aborda também a realidade do século XXI.

No contexto da cultura carioca, sua música, seu carnaval, o personagem-estátua expressa seu desejo de virar enredo de escola de samba, perguntando ao personagem-escritor: “[...] você não acha que já é tempo? [...]”. (TORRES, 2012, p. 13-14). Aqui, a escola de samba desempenha um papel quase folclórico, representativo da cultura contemporânea do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, as escolas de samba popularizam um personagem histórico oferecendo-lhe um conhecimento público superficial, similar ao comércio turístico na cidade de Saint-Malo.

Além de falar sobre o Rio de Janeiro atual, o corsário-narrador também se expressa de forma contemporânea. Em relação a isso, Sanches Neto comenta as diferentes instâncias narrativas do romance, dentre as quais a voz do herói que fala através de sua estátua, que ganha vida e personalidade, além de um novo ponto de vista: “Perdendo a condição de monumento, entra em cena, já na primeira parte, a figura desabusada do sequestrador do Rio

que, de tanto conviver com os turistas, não ficou preso à língua de seu tempo, valendo-se de termos contemporâneos.” (NETO, 2004).

Nesse sentido, segundo Miguel Sanches Neto: “Duguay-Trouin é um personagem extemporâneo, e isso é revelado por sua fala desabusada, pertencendo mais ao Rio de Janeiro, em cuja identidade ficou incrustado, do que às cidades francesas onde viveu e morreu.” A seguir, o autor justifica o “tom malandro, acariocado da linguagem da obra” em decorrência dessa identidade criada entre o sequestrador e a cidade sequestrada. (NETO, 2004).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi o fruto de uma série de etapas que se desenvolveram de junho a dezembro deste ano e que me permitiram me familiarizar com a pesquisa e a seleção de fontes bibliográficas, a leitura de artigos acadêmicos em língua francesa e língua portuguesa e a metodologia de redação de um texto acadêmico.

Através do estudo do romance *O nobre sequestrador*, de Antônio Torres, mergulhei em episódios da história da França e do Brasil colonial, e entrei em contato com a obra de um escritor que tem a peculiaridade de utilizar as relações França-Brasil como matéria-prima para sua criação ficcional. Interessante enfatizar que o estudo aprofundado desse romance me permitiu rever, através do texto literário, a cidade de La Rochelle, onde efetuei um intercâmbio acadêmico de cinco meses em 2015-2016, no âmbito da graduação em Letras-Francês.

Segundo a teoria do “paratexto editorial” desenvolvida por Genette (2009), estudei comparativamente, tanto na versão original quanto na tradução francesa, os elementos componentes do entorno do texto literário. Analisei o “peritexto” na observação das capas, contracapas, ilustrações e glossário. Pesquisei o “epitexto” buscando elementos externos ao livro como entrevistas, resenhas e artigos publicados. Apoiando-me na teoria de paratradução de Yuste Frías (2015), que estuda como os paratextos podem influenciar a percepção do público na literatura traduzida, percebi diferenças significativas entre as versões. Ao passo que a capa brasileira possui imagens bucólicas de navios e do corsário, a capa francesa apresenta apenas texto sobre fundo branco.

Nas três partes do romance, há diferentes pontos de vista: primeiramente, a voz do corsário-estátua; a seguir, a voz do personagem-escritor; e finalmente, a voz da própria cidade do Rio de Janeiro que expressa sua insatisfação com o invasor. Analisando as figurações identitárias de franceses, portugueses, brasileiros e indígenas apresentadas no romance de Torres, evidencia-se aqui certo hibridismo da própria narrativa ficcional, visto a dualidade de perspectivas. Esse olhar cruzado, essa mudança de instância narrativa são elementos que conferem originalidade à obra.

Desde o início da obra, dependendo da perspectiva e do lugar de enunciação, a abordagem se altera. A princípio, Duguay-Trouin seria um herói para a França e um vilão para o Brasil. Entretanto, ao longo do romance e da alternância de vozes narrativas, percebe-se que o personagem do corsário não é estereotipado como mocinho ou bandido. A trama

apresenta o relato que faz o corsário de suas ações e suas motivações pessoais, nem sempre nobres. O personagem revela os traços contraditórios de sua personalidade.

Graças às reflexões feitas ao longo deste percurso de pesquisa, no campo dos estudos literários, amadureci como profissional da área de Letras, mas também enquanto indivíduo. Cabe então trazer como encerramento a afirmação de Todorov em *La littérature em péril*, a qual complementa as idéias de Piégay-Gros e Chambard que coloquei na introdução deste trabalho:

Deve-se descrever a compreensão mais ampla do mundo humano, a qual acessamos através da leitura de um romance, como a correção de nosso egocentrismo [...]? [...] Pensar e perceber adotando o ponto de vista de outros, pessoas reais ou personagens literários, é o único meio de incorporar a universalidade. (TODOROV, 2007, 77-78, tradução nossa)¹⁸

¹⁸ Texto original: “Faut-il décrire la compréhension élargie du monde humain, à laquelle nous accédons par la lecture d’un roman, comme la correction de notre égocentrisme [...] ? [...] Penser et sentir en adoptant le point de vue des autres, personnes réelles ou personnages littéraires, est l’unique moyen de tendre vers l’universalité.”

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Jorge de Souza. **Floração de imaginários**: o romance baiano no século 20. Itabuna/Ilhéus: Via Litterarum, 2008.
- BERBOUCHE, Alain. **Pirates, Flibustiers & Corsaires**: de René Duguay-Trouin à Robert Surcouf: Le droit et les réalités de la guerre de Course. Saint-Malo: Pascal Galodé éditeurs, 2010.
- CANTARINO, Nelson. **O paraíso perdido da França Antártica**. Revista de História. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/por-dentro-do-documento/o-paraiso-perdido-da-franca-antartica>>. Acesso em 08/12/2016.
- CHAMBARD, Claude (dir.). **Lire c'est vivre plus**. Chauvigny: L'Escampete, 2015
- EDITORA Ateliê Editorial, [Resumo] da obra de GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. Disponível em: <<http://www.atelie.com.br/livro/paratextos-editoriais/>>. Acesso em: 06 out. 2016.
- EDITORA Petra. [Perfil do tradutor Dominique Stoenesco]. Disponível em: <<https://www.editionspetra.fr/auteurs/dominique-stoenesco>>. Acesso em: 12 out. 2016.
- FERET, Stéphane. **L'identité**. Paris : Flammarion, 1998.
- FRIAS, José Yuste. **Paratraducción: la traducción de los márgenes, al margen de la traducción**. DELTA, São Paulo, v. 31, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502015000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 dez. 2016.
- FUNDAÇÃO ANTÔNIO AGOSTINHO NETO. [Perfil do tradutor Dominique Stoenesco]. Disponível em: <http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=article&id=889:revista-latitude-da-unesco-homenageia-primeiro-presidente-de-angola&catid=37:noticias&Itemid=206>. Acesso em: 14 dez. 2016.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- GODET, Rita. **Les fils hybrides du tissage de l'histoire dans O noble sequestrador de Antônio Torres**. 2007. Disponível em: <<http://www.antoniotorres.com.br/internacional9.html>>. Acesso em: 12 out. 2016.
- LAPLANTINE, François ; Alexis NOUSS: **Métissages**. De Arcimboldo à Zombi. Paris, Fayard/Pauvert, 2001.
- MAALOUF, Amin. **Les identités meurtrières**. Paris: Grasset, 1998.
- NETO, Miguel Sanchez. **Corsário de ontem, bandidos de hoje**. Curitiba: Gazeta do Povo, 2004. Disponível em: <<http://www.antoniotorres.com.br/>>. Acesso em: 06 out. 2016.
- PIEGAY-GROS, Nathalie. **Le lecteur**. Paris: Flammarion, 2002.
- RASSIER, Luciana Wrege. La francophonie: littératures d'expression française et traductions littéraires. In: VIII Semaine de Cultures Francophones de l'UFPE, 2008, Recife. **Vozes da periferia: traduções francesas de autores do sul do Brasil**, Editora Universitária da UFPE, 2008, p. 62-68.
- _____. Réécriture et cannibalisation de l'histoire par la littérature dans l'oeuvre du romancier Brésilien Antônio Torres, In: **Les échanges culturels internationaux France, Brésil, Canada-Québec**. La Rochelle, 2009.
- _____. (Re)pensando a História a partir da Literatura: Meu querido canibal, de Antônio Torres. **Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras**, Florianópolis, 2010, nº 39, p. 061-071. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/29650>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

REVISTA LATITUDES. **[Perfil do tradutor Dominique Stoenesco]**. Disponível em: < <http://www.revues-plurielles.org/php/index.php?nav=revue&no=17&sr=1>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; VIANNA, Alexandre Martins. **Memórias do senhor Duguay-Trouin: tenente-general das forças navais da França e comandante da Ordem Real e Militar de São Luís**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

TODOROV. **La littérature en péril**. Paris: Flammarion, 2014.

TORRES, Antônio. **[Entrevista]** do autor ao Jornal da Biblioteca Pública do Paraná: Cândido nº 03, 2011. Disponível em: <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=230>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

_____. **[Entrevista]** do autor ao Grupo Editorial Record, 2012. Disponível em: <http://www.record.com.br/autor_entrevista.asp?id_autor=2380&id_entrevista=77>. Acesso em: 14 jul. 2016.

_____. **[Entrevista]** do autor à Suzana Ramos Ventura, Revista Navegações, v. 3, nº 2, p. 205-208, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.puocs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/8443/6028>>. Acesso em: 06 out. 2016.

_____. **Le corsaire de Rio**. Tradução de Dominique Stoenesco. Paris: Éditions Petra, 2016.

_____. **O nobre sequestrador**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

_____. **[Site do autor]**. Disponível em: <<http://www.antoniotorres.com.br/>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

VARGAS, Suzana. **[Contracapa]** In: TORRES, Antônio O Nobre Sequestrador. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.